

Gente de PALAVRA

revista n° 29



poesia
cria
atividade

DIEGO PETRARCA

Abílio Dantas Adão Wons Alê Martins Alexandre S. Rodrigues Anderson Valfré Andrade Jorge André Camargo André Foltran
Angela Fonseca Antonio Cabral Filho Arnault L. Dias Babi Baracho Berenice Sica Lamas Bianca Coggiola Carlos Alberto Dias
Catarina Real Cláudio Feldman Cláudio Roberto de Pinho Conceição Hyppolito Denivaldo Piaia Diego Petrarca Eduarda Fochzato
Edweine Loureiro Eliana Pichinine Emerson Bastos Erika Crislene Da Silva Santos Flauto Italo Oliveira Ivo Pereira Jo Gomes
João Barão Jorge de Siqueira Jorge Ventura Júlio B. Kika Cardarelli Laura Rangel Lóla Prata Lucas Melo Ludimar Gomes Molina
Luís Cláudio Delvan Luiz Otávio Oliani Luiza Oliveira Magno Almeida Marah Mendis Marcela Biaggio Marcus Vinicius Maria Da Glória
Jesus De Oliveira Marisol Rojas Gomez Mc DuRap Medina Sebastián Michelle C. Buss Nadja Voss Noélia Ribeiro Pamela Freire
Patrícia Borda Paulo Soares do Assaré Rafa Silvestre Raphael Dias Ricardo Mainieri Rogério Batista Silvia Regina Stuchi Cruz Sirlene
Vieira Ton de Souza Valéria Rodrigues Florenzano Valter Oliveira dos Santos Vieira Vivo Vinicius Corradi Vitória Ferreira

Minha poesia

Lágrima no papel,
Café forte, pão e mel; – Minha poesia
Meu time, minha bandeira, e partido
Minha poesia, filho, neto, família
Minha rotina
Nome, sobrenome, vida
Poesia
Amigos, encontros, celebração
Minha poesia
Prosseguir, ir, parar, refletir
Meu remédio, bálsamo na ferida
Tristeza ou alegria...
Amor e vida na minha poesia
Meu prato de cada dia
Descanso e despertar

Meu mundo
Minha poesia

Conceição Hyppolito

Colheita

A pá lavra o solo
dos signos.

Extraí nuances raras
metáforas puras.

De um frescor cristalino
ou da força de um furacão

Versos
de colheita incerta
dependem de humores & húmus.

De sol
& pura emoção.

Ricardo Mainieri
www.mainieri.blogspot.com

Endemoninhado

Acendo uma vela para o mal que atormenta
Temo que não cumpra suas promessas
Absurdos sussurrados em meu ouvido
Declaram o fim desta quaresma
Na última procissão carreguei...
Uma velha pedra na cabeça
Subi e desci as ladeiras
De um bendito lago de pedras
Por sete anos cumpri meu castigo
A velha pedra empobrecida abandonei
Era um fardo pesado para um jovem
Que em sonhos sonha ser alguém
O mal que me atormentava
Vendo meus atos se redimiu...
Deu-me a graça que me cabia...
E abençoando-me dizia:
Para sempre serás feliz!
E não é que o diabo mentiu!
Apaguei a vela já consumida
Sem preces e comida por dias
Tornei-me homem feliz...

Rogério Batista.
kenedroger@hotmail.com



Hiroshima

afônica

atônita

a musa testemunha
uma anacrônica
bomba atômica

Edweine Loureiro

Ele tem o nome de dois poetas heroicos, um da ficção, outro da História. Na ficção de Johnston Mc Culley, Diego era um poeta que à noite vestia uma máscara negra e saía com sua espada para defender o povo dos abusos de um governo corrupto. Na História, Petrarca é um dos pais da língua italiana e o inventor de uma das mais populares formas de expressão poética: o soneto. Diego Petrarca é muitos! Mestre em Teoria Literária-Escrita Criativa, não se limita às atividades acadêmicas, sendo um verdadeiro militante da poesia, aceitando praticamente todos os desafios que essa atividade apresenta. Saraus, performances, exposições... onde houver poesia, lá estará Diego. Não por acaso, desde o final de 2014, é parte do nosso Conselho Editorial, pois, com uma vida como esta, não resta dúvida que Diego Petrarca é Gente de Palavra.

RMM

Diego Petrarca

nun
ca ma
is re
pense

an
tes
de tu
do

sin
ta-
se

Diego Petrarca



Livros Publicados:

Nova Música Nossa (Print Way, crônicas, 1998),
Banda (edição/xeróx, 2002),
Mesmo (Espaço Editorial, poesia, 2003),
Via Cinemascope (Fábrica de Livros, poesia, 2005),
12 poemas (edição virtual, site *Germina*, 2006),
Cada Coisa (Multifoco, poesia, 2012),
Vento & Avenca (Athy, haicais, 2012),
Hai-Cábulos - parceria com Andréia Laimer - (Edições Dulcinéia Catadora, poesia, 2012).
Cidade Cidades (Liro Editora Livre, 2014),
Tudo Figura (Instituto Estadual do Livro, poesia2014)

Participou ainda de diversas antologias, publicou crônicas, artigos e poemas em diversos jornais e revistas, integrou diversos projetos especiais ligados à poesia, exposições, performances públicas e ministrou diversas oficinas.

Ler sementes

É preciso ler sementes antes de lançá-las.
“Separar joio do trigo”, lição milenar.
Escolher, mapear, manter foco.
Fazer germinar o bom fruto, sumarento e doce,
fruir a existência com prazer,
degustá-la como um bom e velho vinho
que extrai bouquet e persistência
do devotamento do sementeiro.
Vida é vinhedo; homem, plantador.
Seu fluxo é o esmagar com os pés o caminho,
nutrir a alma de sutileza e robustez.
Para semear de novo, e ainda outra vez,
até que a derradeira ceifa nos conduza
a outros campos, esses de pura luz.

Angela Fonseca



Em todo e qualquer momento
eu quisera ser capaz
de, mesmo no sofrimento,
ter atitudes de paz!

Lóla Prata
lola@pratagarcia.com

Existência

Assisto no palco da existência
a magia da vida florescendo,
sonho, ilusão, desistência, persistência
no choro do homem nascendo.

Em cena o ontem da esperança
brilho refulgente no olhar
esplendor da aurora criança
querendo os mistérios desvendar.

Num ai sufocado, grita as mazelas e dores,
o mundo se afluando ao meio dia,
porém a realidade com dedos acusadores
maltrata a inocência da alegria.

No anoitecer da vida
esperança levada em vão,
chorando o choro da sina sofrida
queria voltar a ser criança no coração.

Andrade Jorge
andradejorge2@bol.com.br

Mago

O ser mago
o ser amargo
a cegueira
o mago ser
o amargo ser
o ser tudo
o sal amargo
o amargo sal
sara o ego
o ego salva
Sara má, go!
O ser todo
Saramago.



Ivo Pereira

Lá-tinha, latinhas

Lá-tinha vários moleques.
Latinhas de lança na mão.
Lá-tinha vários pivetes.
Latinhas de cerveja então.
Lá-tinha Red Label, Smirnoff, Balalaika.
Latinhas de energéticos de caixas.
Lá-tinha tristeza, ódio solidão.
Latinhas vazias espalhadas no chão.
Lá-tinha drogas prostituição.
Latinhas como cachimbo
[e morte pros meus irmãos.
Lá- tinha pessoas largadas na calçada.
Latinhas espalhadas, latinhas amassadas.
Lá-tinha crianças adultos.
Latinhas nas mãos de todo mundo.
Lá-tinha pessoas isoladas.
Latinhas pisadas.
Outras eram chutadas.
Lá-tinha o que eles chamam de festa.
Latinhas à beça.
Lá-tinha pessoas sem Cristo.
Tipo latinhas amassadas jogadas no lixo.

Mc DuRap



Basta

A cada três horas um biscoito sem gosto.
A cada minuto a saliva engolida em seco.

A cada segundo o ar pouco espesso
[impedido de entrar].

A cada nó, saber que a vida é uma só,
e basta.

Nadja Voss

nadjavoss@gmail.com
<http://www.nadjavoss.com>

Conta-choros

chorar é
desafogar-se
com um conta-gotas

dói no começo
mas todos sabem que goteira,
devagar e sempre,
vira cachoeira
e que vomitar um oceano,
mesmo que pingando,
retira um peso colossal
do peito com jeito
e gosto
de água, agonia e sal.

João Barão

joaohenrique.barao@hotmail.com

As horas

O semblante das horas denota
a lerdeza rotatória dos astros
Envoltas em torpor e umidade
arrastam-se, apegadas às paredes,
com a letargia de répteis drogados

Num ponto abaixo da invisível
estrutura milenar do tempo
o pêndulo dança

As horas rodopiam em sua infundável
sequência opaca e gelatinosa
com um leve ruído
de ruga vincando a epiderme seca

As horas orbitam um funil de éter
apegadas ao seu afã contínuo
a revolver-se eternamente
à procura do impulso
do primeiro sopro

Brincadeira de criança

Quando eu era criança gostava de brincar depois da chuva fazendo barquinhos de papel que navegavam em pequenas poças, bem no cantinho da rua.

E ficava olhando os cataventos coloridos que coloriam o dia cinzento e giravam, giravam em cima das casas, apontando pra que lado ventava o vento...

Então, um sol de areia eu riscava no chão e pintava
[um arco-iris
nos meus olhinhos de aquarela, empinava uma pipa
[de passarinho
que batia as asas ao léu, um pequeno anjinho, subindo
[e descendo
as ladeiras do céu.

Depois, voltava pra casa e de noite eu roubava a
[estrela mais livre
do firmamento, abria a janela do quarto e via a chuva
[indo embora
encher um outro lugar, quem sabe de manhãzinha, um
[outro menino
também vai poder brincar.

Cláudio Roberto de Pinho

Um jeito de ser feliz

Tenho o vício de viver assim
Sem adereço
Esperando o balde para chutar
Inaugurar outro
Recomeço
E voltar ao ofício de ser
Feliz enquanto tudo
É o avesso

Noélia Ribeiro
nmariasilva@hotmail.com



Choro de mar

Doce canto
Canto alto
De longe eu vi
A onda quebrar
Canoa torta
No teu remanso
Vou navegando
Pra me encontrar
Lágrima do mar
Virou meu barco
É triste o choro
De lemanjá
Espuma breve
Que o vento leve...
Meu desalento,
A navegar...
A navegar.

Eduarda Fochzato
keylamoreira@live.com

Repetição

A palavra é lavra
Petrifica no corpo
A palavra traz de volta
E silenciosa mostra
Aquela cabeça que já vira
do rapaz em sua frente
A silhueta nascente, que já se foi

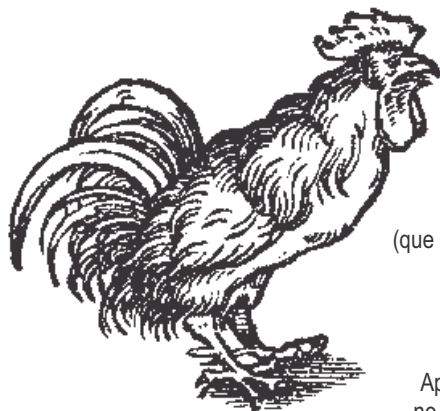
A cor, o formato, a postura,
Mas, não era ele, eu sabia
A palavra é lavra e traz de volta também
Aquilo que já se foi
A retina captando fantasmas.

Laura Rangel

Offset

Do teu peito
e lençol brancos
do retângulo
no seu braço
que não era azul
nem a pau
saindo do quarto
em reverse
para a sala
de detalhes vermelhos
saindo da vida
para a memória
em grande angular
sair sangrando
na margem
a impressão
que acabou
vermelho e amor
saturados
pronta para
o corte final.

Marcela Biagigo
mabiagigo@gmail.com



Nesta de cinzas quarta-feira,
(tão cinza, ranzinza) água
despenca d'alma à beira
da mágoa, deságua, alheia
nas besteiras ditas nas ladeiras

(o bloco ido interrompe o poema)

E trago-a, a cápsula do fonema,
mastigo-a, como queira,
(que se retorça como galho de figueira!)
para arrancar dessa gagueira
o teorema, do bloco tema.

A ressaca sempre blasfema.
Apago-a. Apaga as cores galheteiras
no cinzeiro trinta tambores enxáguam
o desfile aberto das bandeiras
é fevereiro, são vapores e fogueiras.

Havia um esquema, morfema
excitado no corpo e que agora trema
faceira trinta lemas acima
a palavra, essa nudez farfalheira
(alago-a, sou água, inteira).

Bianca Coggiola
bferrcogg@gmail.com

O silêncio

Nunca pares de omitir o silêncio
nunca pares para omitir o silêncio
silencia a omissão
pára no nunca
pára ao silêncio

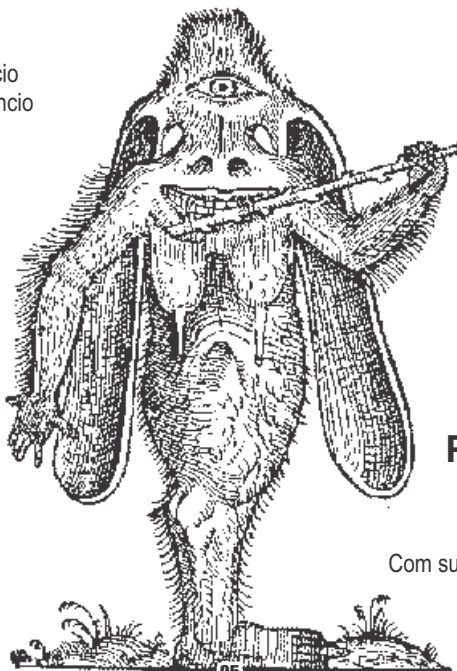
omite o nunca no silêncio
omite o nunca ao silêncio
em silêncio, omite.
Omite-o

omite o silencioso para
silencia a omissão
pára o silêncio

omite ao silêncio
silencia o nunca

Pára.

Catarina Real
catarinareal_3@hotmail.com



Kama Sutra

Invento
Posições verbais
Todo santo dia.

Escrever
É fazer Kama Sutra
Com a poesia.

Paulo Soares do Assaré.
paulosouares@outlook.com

Paralelas vocais

(a Laura)

O pássaro suja a cidade
Com sua última pintura de resistência
Em sangue.

Italo Oliveira
italooliveiraxd@hotmail.com

no meio da rua movimentada
eixo via de concreto e bicicleta
um homem é bruscamente atingido no peito
por um pássaro que voava a toda velocidade:

a poesia também pode ser perigosa.

Magno Almeida
magnoalmeida.al@gmail.com

E se a vida falasse para o tempo
que ele não existe
O tempo silencioso
mostraria para a vida
que diariamente
ele por entre os corpos persiste.

Anderson Valfré
anderson-valfre@hotmail.com

Palavra Brincada

Manoel me fez sabedor de que
[as palavras podiam
nos servir de brinquedo
igual a criança pequena
quando imita não-se-ser
esse ser-outro era um esforço muito
[imaginativo
onde já se viu palavra ser de brincar
adjetivo se esticar igual a peteca
substantivo rolar feito chimbra
e preposição se preparar
[pra poente

Manoel dizia que sim
e que, depois de confabulada em verso,
[a brincadeira passava a existir
achei tudo aquilo bocozice
depois vi que observar vocábulo como
[coisa normada
me fazia querer voltar mais cedo pra fora
[das palavras

Manoel estava certo em sua desrazão
me rendi

Marcus Vinicius
marquinhos.vinicius@gmail.com

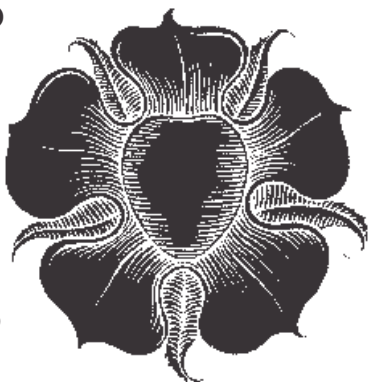


Desejo...

À rotina...
Ruptura
À normalidade...
Loucura
À rudeza...
Temura
À educação...
Cultura
À miséria...
Fartura
À plantação...
Semeadura
Às mãos...
Sentir sem luvas
Aos olhos...
Contemplar sem lupas
À boca
Saborear sem culpa
Às narinas...
Acompanhar o rastro da doçura
Ao coração...
Amar sem dúvidas
À vida...
Aventura

Silvia Regina Stuchi Cruz
silviacruz@ige.unicamp.br/ silviastuchicruz@gmail.com

Hoje, eu preciso chorar.



Hoje, preciso chorar;
jogar fora esse escarro do choro

as nuvens cinzas ficaram pretas
o dia já aconteceu... ou já vingou?

a menina? branqueou o seu cabelo

o vira lata da esquina morreu
o jornaleiro vendeu sua banca

minha casa amarelou
os prédios cresceram, viraram magazines

o jogo de botão virou botões da internet
a boneca dorme no canto da
[caixa de papelão

o meu pai?
está lá no céu agora, me olhando

os meus amigos?
não sei...

o beija flor morreu de agrotóxico
a tv continua com seus noticiários
[horrendos

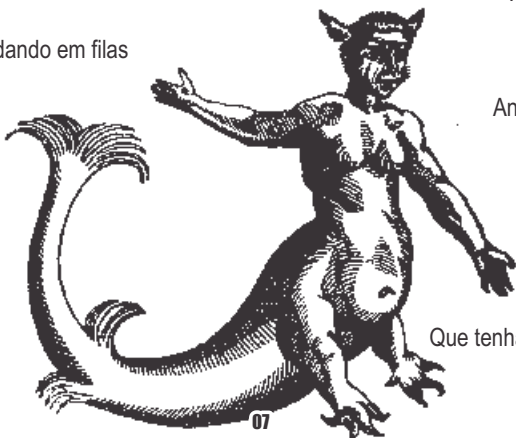
a vida está despencando dos penhascos...
meus sonhos coloridos? estão desbotados

as frutas estão passadas...

o ser humano continua andando em filas

The End.

Luíza Oliveira
luizatriz@gmail.com



Resiliência Amorosa

Pra cada amor
Por mim vivido um dia

Prometi ao anterior
Que o próximo eu amaria

E se tivesse que compor
Uns versos sem melodia

Garanto ao senhor
Que um livro me sairia

Pois aprendi com a dor
A me entregar à poesia.

Pamela Freire

rumo
sem rima
a canção da minha vida é verso livre

Michelle C. Buss
michelle.buss@gmail.com

Procura

Ando procurando uma alma
Não tão perdida
Que tenha um caminho
Que eu possa caminhar
Ando procurando um coração
Não tão descompassado
Que tenha um amor
Que possa usar
Ando procurando
Sei lá o que
Uma alma com coração
Um coração com alma
Que tenham a mesma cor da minha.

Luís Cláudio Delvan
delvan@cpovo.net

Tango para a nossa morte

Auréolos corpos tangam na noite:
esses segundos,
quem os fabrica?

Por trás das peles
estranhos fogos
— deus & o diabo
num beijo eterno!

Esses segundos
são mais que séculos,
entanto escoam

por entre os sexos.
Depois do tango
não há mais tempo.

André Foltran

<http://andrefoltran.blogspot.com/>
andre.f.s.foltran@gmail.com



Transpiração.

Hoje prefiro ficar em silêncio.
Resguardar-me em meus pensamentos.
Deixar de procurar inocente ou culpado...
... caminho ou atalho.

Quero poder ouvir as vozes que há tempos não ouvia mais.
Meu país.
Meus bichos.
Meus amigos mais próximos e ao mesmo tempo
Tão distantes por conta das responsabilidades que a vida traz.

Quero poder respirar um ar
E ter um novo olhar
Diferente... do que eu tive até agora.

Mas para isso é preciso recomeçar.
Recomeçar mais uma vez e quantas vezes for preciso.

Até o coração acalmar...
... e partir.

Marah Mends

Lua atrevida

Lua cheia sem-vergonha
teus cabelos de flores
invadem minha casa inteira
cheiros
cores
escancaram gavetas
libertam palavras
gravuras
poemas

lua agridoce
teus cabelos sem-vergonha
esvaziam meu corpo de pudores
reviram areia
ilha desabitada de mim

lua, lânguida lua
tua vergonha sem morada
habita-me às noites
atrevida
sorradeira
adentra... e fim:

Patrícia Borda

Boas notícias

o sonho não morreu
logo pela manhã
ele acordou sorrindo
e se lançou pelo mundo
feito sol
feito lindo

Kika Cardarelli

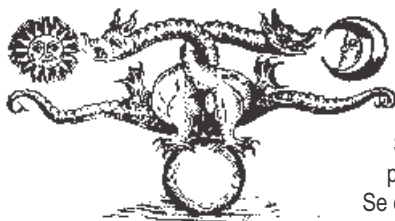


Criadura

Mulher dócil
Bicho viril.
Adormece em braços de homens
E acorda envolvida por almas
De outras mulheres dóceis
Como tigres famintos
Pelos ódios ardidos
De peles brancas, pretas e amarelas
Como gatos largados em telhados.
Ela está no cio!
Mulheres doídas de carícias
Feridas entrelaçadas entre as pernas fechadas
Por chaves engolidas pela vida.
Oprimidas por elas que criam eles
Que oprimem elas,
Que choram por eles
Que as penetram sem olhar seus olhos chorosos
Sem beijar sua face de quatro ao dispor do rei.
Mulher no cio
Mulher no rio
Afogada por seus desejos mergulhados
Em sua própria agonia
De quartos cheios e vazios.



Jo Gomes
jocarla.ogomes@yahoo.com.br



Ego em fuga

fulano de monóculo em tarde nublada
disse fumando seu charuto
*nomes são nada quando de fato
é o sobrenome o que amaldiçoa gerações.*

bem-aventurado o filho do famoso Silva, eu complemento,
capaz de se confundir com filho do ordinário Silva, tão
distante da definição de identidade.

difícil vida do indivíduo inconfundível e
indivisível de si mesmo e seu passado.

Raphael Dias
raphaelsalcedo@gmail.com

– Una flor –

no vale quedarse solo
nunca nunca!
ni de pensamiento...
si se me quedara vacío el seso ponele
y algo pasara
y me desterraran todos los recuerdos
y pensamientos
y palabras
y promesas
y se me quedara desierto el seso
habría por ahí
en lo mas adentro de ese desierto
una flor
una única y bonita flor que no pudieron matar
que no pudieron arrancar ni con maquinas ni balas
ni ácidos
ni nada
una flor
aunque ni sepa que sos vos
pero ahí te me quedaste
así mirando y queriéndome igual.

Medina Sebastián
sebastianmedinavlc@yahoo.com.ar
<https://www.facebook.com/sajastropic>

Desencontros

Se já sabias que eu não te amava
por que buscaste o amor em mim?
Se o meu amor pelo teu não clamava
por que perdeste tanto tempo assim?

Se já sabias que eu não te queria
E que o teu amor eu sempre rejeitei
Por que te agarraste a essa fantasia?
Por que não ouviste o que a ti falei?

Hoje te encontras só e amargurada
Ainda teimas em me amar assim
Não soubeste renovar a tua estrada
E continuas a esperar por mim

Peço-te agora, por favor, me esqueças
Decreta o fim da tua grande dor
Não posso amar-te. Não! Não te entristeças!
Ainda há tempo de encontrares outro amor

Ludimar Gomes Molina

Bicho

Sou bicho do mato

Gosto do verde
e do escuro da noite

Bebo o sorriso do dia

O horizonte é meu quintal

Namoro o eclipse e aguardo

Sigo a luz das estrelas

Adormeço no lençol
do riacho

Sou bicho d'água
Sereia à procura
de um canto pra ficar

Eliana Pichinine
epichinine@gmail.com

encontro o alfabeto no lixo
letras espalhadas
emporcalhadas
olhos rasos d' água

sem léxico nem custódia
não mais palavras ou glossário
que vagam evanescentes
sem tutano

recupero-o de A a Z
com saponáceo e algodão doce

sem segredos
o sentido e a aura,
raiz de cada letra

Berenice Sica Lamas



Real

Tudo bem, amor
tudo foi tão bonito
enquanto era

Tá tudo bem
em um mundo perfeito
teria dado certo

mas num mundo perfeito
não precisaria haver posse
Seríamos um do outro
e ainda assim estaríamos livres

Eu também não me dou bem
com a vida real

Tá certo, amor
a gente também fala
pra tentar compreender o que diz

e cobra uma sinceridade
que às vezes
nem mesmo nós temos

Tá tudo bem
é só um outro dia
igual e diferente dos outros

vai começar e terminar
como as pequenas coisas
que fazem toda a diferença

mas eu também não levo jeito
com a vida real

Ton de Souza

Primavera

Se não pretende fincar raízes, por favor, não plante sementes.
Mostre-me esse amor de uma forma que venha raiz e tudo,
pois estou cansada de palavras floridas que murcham rápido demais.

Erika Crislene da Silva Santos
<https://www.facebook.com/raapunzeel>

Ai Maria!

E agora José?
A grana acabou
A verba cessou
A comida sumiu
O amor esfriou
E agora José?
O que fazer pra limpar o nome
Pra sair dessa dança
Pra alimentar as crianças
Pra voltar a ter grana
E você na minha cama?
Ai Maria!

Sirlene Vieira

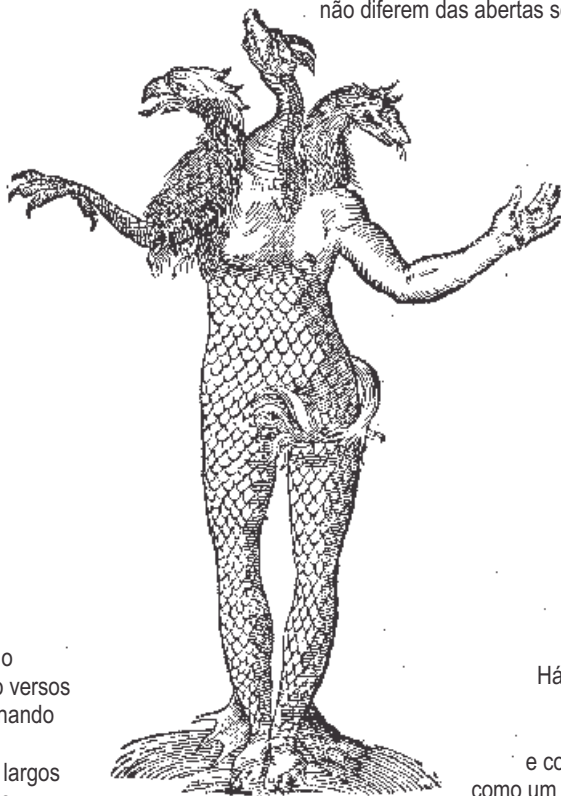
O Impasse ante a porta

Agora, aqui dentro é o que importa,
mas a porta está aberta, se alguém quiser entrar.
Lá fora, o silêncio ainda impera,
como fera que desperta quando se tenta escapar.

Embora o momento seja impróprio,
não imploro hora certa e faço do meu jeito.
As horas são pra mim como um impasse,
o disfarce de um alerta do qual vivo a despeito.

Outrora, derrubaria um império
pro mistério com que fierta mostrar a sua graça.
Mas portas fechadas, mesmo que imperem,
não diferem das abertas se por elas ninguém passa.

Júlio B.
juliob612@gmail.com



Adoidada

Tenho andado delirando
Com gestos compondo versos
E, às vezes, fico imaginando

Quem me vê a passos largos
Pelas ruas murmurando
Deve pensar: é louca ou está pirando

Mas não me faz diferença se pensam ou falam.

Sou mais eu e não perco o embalo.

Maria Da Glória Jesus De Oliveira

Idílica

Há dias em que eu só queria
me sentar ao lado
de um monte de areia
e construir e destruir castelos,
como um menino indiferente a tudo,

mas vejo que nem isso
a vida pode oferecer-me.

Antonio Cabral Filho
Rio de Janeiro/Brasil
letrastaquarenses@yahoo.com.br
<http://letrastaquarenses.blogspot.com.br/>

Utopia

Meus versos
desnudam-me
expõe dor
e orgasmos.

Olhos que surgem
bocas que vão.
Água salgada
areia
mãos dadas
amor.

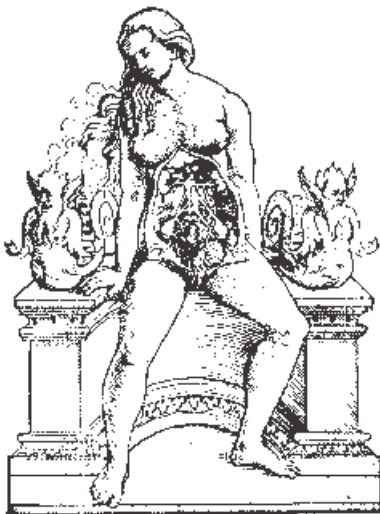
E me sinto nu...

Nada sou!
Nada mais
que sonhos.

Estou nu
vestido de utopia.
Não ria de mim.

Se você ainda não me entende,
desista!
Você nunca conseguirá...

Jorge de Siqueira
jorgedesiqueira@gmail.com



Pelas estrelas do céu

Eu esperei encontrar no silêncio
um tanto ainda do que foi sentido
como se buscando meu ouvido
um eco do passado... do início.

Nos vestígios esparsos em mim
que ainda guardarem da história
além do pensar e da memória
é o sentir o que procuro enfim.

No fundo da mente, soterrado,
cavo com as unhas, garimpo gemas:
Pedraços de sonhos, coisas amenas
que ainda fazem o olhar marejado.

E neste silêncio me vasculho
à cata de todos os cacos de amor.
E neles corto a carne e nesta dor
de romper-me o peito mergulho.

Lá, tão profundo e sem senso:
Os sentidos todos, mesmo sem nexos
feito purpurina a criar reflexos,
são todo um céu estrelado, imenso...

Arnault L. Dias

Pepino em conserva

Na parede quase nua
em que a janela flerta a rua,
mas se escancara para a lua,
somente um quadro me observa.
Será que ele não se cansa
de me ver coçando a pança,
levando essa vida rança
de pepino em conserva?



Denivaldo Piaia
dmdj@terra.com.br

Eu sou

Eu sou como o sol que brilha fugaz
Irradiando a paz.
Eu sou como o vento que leva e traz
Bons pensamentos.
Eu sou como o mar, infinito em sua grandeza.
Eu sou como a lua que cheia se orgulha
De tantos encantos.

Eu sou como sou.
Sou vida que a vida me fez.
Vida que só é vida
Quando vivida com sabedoria.

Eu sou...

Marisol Rojas Gomez
marisolrojas4@hotmail.com

Tempos Modernos

Pobre aleijão que ao Direito procura
E que trôpego arrasta-se aos pés alheios,
Pelo solo rijo do cansaço almeja a cura,
Lambendo úmidas chagas, bruto e feio.

Estirado, roto e enfermo: o maltrapilho
Engalana a mediocridade deste milênio.
N'agonia da falência, o mutilado filho
Virou enxerto, posto que não foi gênio!

Árdua labuta, nula, mas intensa;
Mecanismos seletivos e binários
Desfazem-se do ser quando este pensa
E reluta à diretriz sisuda dos horários.

Tecnologia ou Ciência Moderna,
Seja qual for teu sintético pensamento,
Saiba que arranca do operário a perna
Ao suprir sua força com teu invento!

Flauto
antonio.flauto@gmail.com



Janeiros

frutos maduros
beiras de estradas
aromas de vinhas

Noite luares
ateiam desejos
de quero mais

Um breve sussurro
da noite que cai
entre estrelas que constelam
está o brilho do seu olhar.

Janeiros
idas e vindas
verões intensos
sóis que brilham
mares e maresias.



Adão Wons

Liberta

bateu uma saudade samba
e uma vontade rock
de dedilhar tua pele
e te roubar um blues

amanheci com a alma choro
e só o teu abraço reggae
poderia me carregar
porque por mais que a vida
esteja uma bossa
não há batida que possa
com o teu jeito punk
de me libertar

Emerson Bastos

Ponto de fuga

se um dia eu tentar fugir
por favor
ajude-me
mostre-me os caminhos mais curtos
as saídas de incêndio
pare o trânsito para eu passar
correndo
antes que o tino passe
não deixe chover
deixe as portas do carro abertas
faça-me favor: não me ligue
ligue as luzes da cidade
dê-me um mapa bastante prático
não me dê ideias
permita-me ir
não vá comigo
permita-me sorrir
por favor: não chore
permita-me o silêncio
não diga nada:
as palavras já fugiram antes de mim.

Alexandre S. Rodrigues
rodriguesalexandre@yahoo.com

Discurso de um ateu

Senhoras.....Senhores.....

A solidão pérfida das noites escuras
encanta o ocaso das luzes no céu
temendo o delírio das tuas loucuras
das sagas heroicas, do sangue no véu.

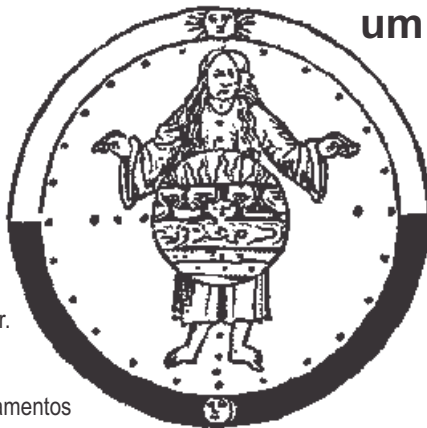
Os fúnebres guizos libertos no ar
convida os espíritos do medo e da dor
que tragam bebidas que possam matar
que façam da morte uma festa de horror.

A basílica excomungada do mal-dizer
conserva as entranhas dos maus-pensamentos
você transcendeu vos rogo em prazer
saiu do murmúrio foi ao sofrimento.

A catástrofe ecoa em meio à tempestade
e no véu se desenha o rubro da dor
é em culto ordenado a amar o pecado
que o monstro de outrora é nosso salvador.

Valter Oliveira dos Santos

walteres@ig.com.br



Prequela de um sequelado

superego ego id
ego id superego
id superego ego

método teto impulso
teto impulso método
impulso método teto

ato neura noia
neura noia ato
noia ato neura

superego método ato
ego teto neura
id impulso noia

O talvez seja verdade.

Lucas Melo (Carro Chefe)

lucasmelorbira@gmail.com

<http://soundcloud.com/carrochefe>

Ecos

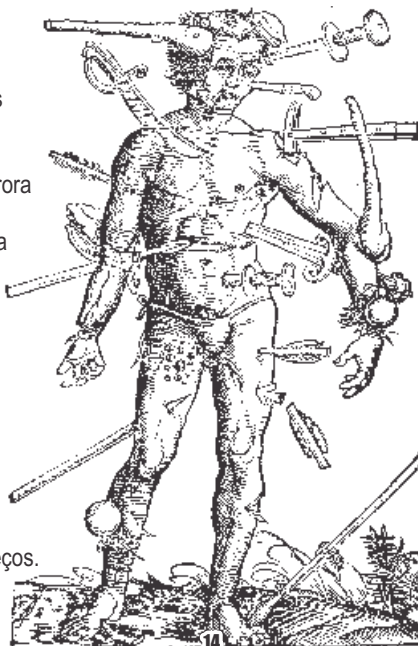
Névoa de tempo feito
Em inéditos lamentos
Por idas às gargantas proféticas
Cantando cordas e silêncios

Labor esquecido pontilhado outrora
E artérias de vermelhos rios
Jorrando tua carne corpo-poema
Voz de pássaro abafada
Por pudores distensos

Os mesmos sigilosos
Em casas de sóis:
Memórias tecidas
Encobrinando o exercício
Do que fostes
Revigora teu torpor músico
E arde infindáveis
Tessituras silenciosas dos começos.

Vitória Ferreira

<https://www.facebook.com/vitoriaregiast>



Primeiros tropeços

Sejamos tão sedentos
quanto Sade e seus destinos
nitidamente escritos
com merda
na parede do presidio.

Às caspas, nossas glórias.
Às fossas, toda a coragem.
Sejamos sem mistérios
feito um céu de sacanagem.

Para causar no cárcere
desejos distraídos,
depois gozar nas grades
em um dia de sol.

Para tornar as lástimas
das tardes de visita
lembranças esquecidas
como um deus pra ignorar.

Abílio Dantas

dantasablio3@gmail.com

Crescimento

Cachoeiras e escadas no meu caminho.
No meu caminho, escadas e cachoeiras.
É a mensagem da vida.
Ela quer que eu suba as escadas.

Lágrimas da natureza enfeitam a visão.
Enfeitam a visão lágrimas da natureza.
As lágrimas embelezam a vida.
Embelezam a vida porque mostram o coração.

É bom sentir uma superior emoção;
sentir uma superior emoção é bom.
Ontem, descí as escadas;
as escadas descí ontem.

Hoje as escadas subo;
subo as escadas hoje,
porque quero o crescimento.

Valéria Rodrigues Florenzano
valeriarf@bignet.com.br

O silêncio

a palavra
dita e escrita
antes domínio
hoje quase inexistente
e no declínio da voz
pássaro triste
nada exalta o fonema
a pena chora a sós
quando vos confesso meu silêncio
não o silêncio que me cala a fala
mas o que me cala o poema

Jorge Ventura

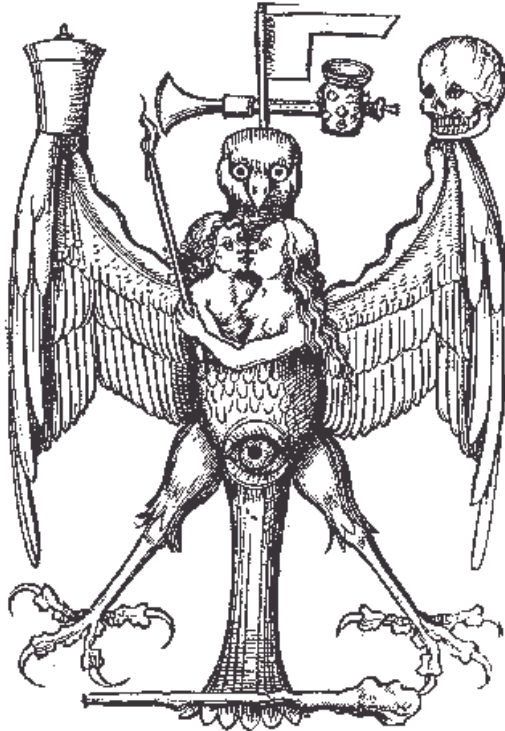
Cantiga (urbana)

Saio a pé pelas calçadas,
perguntando-me eu vou:
Trago em mim, será, um eu?
O que sou, ou que não sou?

Não sou o que vive morto
ou o que de amor morreu
nem o que aos montes foi,
esses todos não sou eu.

Penso, sou-me pelo avesso,
onde sei-me pelo não;
sigo, pois, infinitivo,
verbo sem conjugação.

Vinicius Corradi
vc.afonso@bol.com.br



Brado

das árvores
sou limo

ao sabor do vento
não gorjeio
nem voo

me silencio
entre folhas

choro
ao machado
que me corta

Luiz Otávio Oliani

Percevejo

Se eu te vejo
Arquejo
Só penso em beijo
Meu coração feito lampejo
E eu festejo
E eu desejo
Eu toda latejo
Quando te vejo
Quando vejo
Que me entranhas
Feito percevejo

Babi Baracho

O medo é a calma

O medo é a calma,
do lado avesso da imaginação.

Nas águas das lágrimas,
fogo como de costume,
sempre e raro,
na escuridão clara
dos teus advérbios.

No sorriso, choro trêmulo,
de risada bem profunda,
invertida, rasa.
Do seu olhar a cegueira do ar,
que te enche pulmões em respirar
de carinho e agressão.

Se não fosse a imperfeição
a veria linda, bela,
na ilusão do meu pensamento racional.

Mas sou sentido abstrato
no prato imundo
de forte solidão.

Rafa Silvestre

rafael_jornalismo@hotmail.com

Caminho das pedras.

Se a pedra pensasse,
Seria outra a
Deusa Sophia?

Se a pedra pensasse,
Seria outra
A geometria?

Se a pedra pensasse,
Ornarias
Com as mesmas lapidarias?

Se a pedra pensasse,
Os mesmos vinhos
Fermentarias?

Se a pedra pensasse,
As terras todas
Lavrarias?

Se a pedra pensasse,
Outros deuses
Honrarias?

Se a pedra pensasse,
Seriam outras
As vozes da poesia?

Final, Carlos,
Se a pedra pensasse,
Nos mesmos caminhos
Caminharias?

Carlos Alberto Dias
dias.carlosalberto@gmail.com



praia

palmeiras
se aveludam na luz

o sal
penetra os poros
como um beijo

gaivotas negras
remam
nuvens

o mar
se reinventa
na areia

neste momento
sem fábula
palpita o puro
dom do mundo

Cláudio Feldman



Poeira

Poeira teu nada
Em tudo, em troca
Como virás?

Poeira
Da terra ao pó
Infinito
Pra onde?
Pra quando?

Nunca
Do pó viestes
Poeira
Não fumaça nem madeira

Só poeira
O nada ao vento
Do pó ao tudo
Cosmos
Vida

Morte
Revés do tempo
Do outrora hoje
Poeira.

André Camargo



Cenário

É tanto plano bagunçado
comprido em comprimento
largo em largura
onde os olhos já se perdem

É paleta em tons de azul e verde
de dia é claro
e à noite é duro

É tanta linha torta
e tanta linha reta
infinito pra formiga
incompreensível pra poeta

Alê Martins





Editado e impresso em Porto Alegre por Gente de Palavra Microeditora
www.gentedepalavra.com.br
gentedepalavra@hotmail.com

Esta edição: 100 exemplares
revisão: Marcia C. Baranski e Michelle Hernandes
Redação, projeto gráfico e diagramação: Renato de Mattos Motta

Conselho Editorial:
Diego Petrarca, Erivoneide Barros e Paulo Roberto do Carmo
Conselheira especial para Língua Espanhola: Lota Moncada

Porto Alegre, fevereiro de 2015.